

reportagem cultural

Surfando o futuro além de Vortex

Cristiano Bastos, especial para JC

“Estar na praia, com 14 ou 15 anos, significava estar mais longe dos pais e mais perto do perigo. Ou seja, mais perto dos fliperamas e do rock’n’roll. Mas sempre longe dos surfistas calhordas.” A lembrança invoca o imaginário iconoclasta, provocativo e zombeteiro de *Surfista Calhorda*, d’Os Replantes, emergido do “vórtex” cerebral de Carlos Gerbase, um dos fundadores da banda, ao recordar as temporadas de adolescência em Capão da Canoa. Sua memória recupera diretamente uma relação que atravessa décadas da cultura rio-grandense: a praia como território de veraneio para uma geração que encontrava naquele espaço uma espécie de intervalo das regras da cidade.

Se *Surfista Calhorda* representa um momento em que o Litoral Norte era interpretado a partir do centro, a cena contemporânea permite inverter essa perspectiva. Agora é possível observar a cultura rio-grandense a partir da praia e perguntar o que acontece quando artistas, bandas, produtores e outros agentes constroem suas trajetórias longe do eixo tradicional de produção cultural. O litoral deixa de ser apenas cenário, inspiração ou destino de verão e passa a reivindicar outro lugar: o de espaço onde a criação também é desenvolvida, gravada, produzida e lançada.

Essa estrutura é hoje um dos sinais mais evidentes de que o mapa da produção musical começa a se redesenhar. Existe uma cadeia capaz de transformar ideias em álbuns, EPs, singles e apresentações: profissionais que gravam, produzem, lançam, divulgam e ajudam a colocar essas criações em circulação. Estúdios como o UFO, em

Capão da Canoa, com mais de duas décadas de atuação, convivem com selos independentes, como a Acorde! Records, além de uma prolífica rede de produtores, técnicos e músicos que cria alternativas para uma produção feita cada vez mais próxima de onde os artistas vivem. Hoje, essa rede se espalha por Osório, Santo Antônio da Patrulha, Tramandaí, Imbé, Capão da Canoa, Torres, Xangri-Lá, Cidreira e outras localidades.

Antes, a praia era sobretudo destino de lazer. Hoje tornou-se também um “enclave cultural”. A movimentação passa pelos palcos e pelos bastidores. Verdaderamente, existe em curso uma caudalosa onda de produtores, técnicos e músicos movimentando a cena, além de estúdios, festivais e espaços que funcionam como pontos de encontro. Em vez de apenas receber artistas vindos de fora durante o verão, o Litoral Norte passou a produzir e lançar suas próprias obras artísticas. A temporada continua importante, mas a atividade não termina quando a praia esvazia. É dessa permanência que nasce uma identidade.

Na realidade, há mais de uma maneira de perceber que essa transformação já está em curso – e os Vampiros Tropicais, de Imbé, são um caso particularmente expressivo. Com o projeto *Vamp Mania*, a banda conquistou projeção nacional. Para Ed Bigorenski, um dos fundadores do grupo, a dificuldade de entrar no circuito de Porto Alegre tornou-se decisiva para buscar outros caminhos. “Sempre senti que existe um certo ‘clubinho’ que não deixa as bandas do litoral serem aceitas. E cansei.” Com a internet, o sonar dos Vampiros passou a mirar outros mercados. “Em vez de pensar apenas no Rio



Remando às margens do circuito porto-alegrense, artistas como Duda Linhares forjam uma cena própria no Litoral gaúcho

Grande do Sul, podemos criar uma ponte direta com São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais.” Na visão do músico, o caminho está no trabalho autoral e na identidade própria. “Tem muita coisa boa sendo feita aqui que precisa pular a fronteira e buscar novos públicos.” A conclusão é direta: “Por enquanto, nosso foco é o Brasil.”

Se Ed expõe as barreiras de acesso ao circuito da capital, Duda Linhares, guitarrista residente em Osório e egressa do universo punk, acrescenta outra dimensão: a de gênero. Sua trajetória também foi marcada pela necessidade de provar constantemente que pertencia àquele espaço. “A gente precisa provar que sabe tocar, que entende de

equipamento, que pertence àquele espaço, que não está ali acompanhando alguém.”

Na experiência de Duda, produzir música longe dos grandes centros já significa ocupar uma posição à margem; ser mulher acrescenta outra camada de resistência. Por isso, sua perspectiva mudou. “Penso muito menos em sair do Litoral para fazer a música acontecer e muito mais em como fazer a música acontecer no Litoral.” A ideia ganha forma em *Entranha*, EP que ela está finalizando. O disco materializa, para ela, a possibilidade de criar no próprio território.

Longe demais das capitais, o Litoral Norte passou décadas olhando para o centro como quem olha para uma margem

distante. Porto Alegre era o lugar onde as coisas aconteciam. Agora, essa lógica começa a mudar: a distância já não significa apenas estar fora do centro, mas também a possibilidade de criar novos caminhos a partir daqui.

É justamente essa a mudança mais profunda em curso: deixar de olhar para a distância como impedimento e começar a enxergá-la como ponto de partida. No fim, é disso que fala Duda quando imagina o futuro da cena: “Talvez seja isso que eu queira devolver agora: a possibilidade de acontecer no próprio habitat. Fazer do Litoral não uma margem da cena, mas um lugar de onde a cena também possa nascer.”

Leia mais na página central